

■ V de Viagem (do Abecedário Deleuze)⁷⁷

.....Gerardo Silva

*“Havia uma terrível sintonia entre o sonho e a realidade,
os dois mundos misturando-se numa tigela de luz, e nós, os viajantes,
suspensos sobre a vida terrestre”*

Henry Miller

Deleuze diz que não gosta das viagens. Sobretudo das viagens dos intelectuais, em que se é obrigado a falar demais. No *Abecedário* oferece quatro motivos para sua antipatia: em primeiro lugar, observa que há nas viagens uma ‘falsa ruptura’ (“as pessoas que viajam muito têm orgulho disso e dizem que vão em busca de um pai”); em segundo, recusa a justificativa de uma viagem feita por prazer (“somos idiotas, porém não ao ponto de viajar por prazer”); em terceiro, afirma que a viagem não precisa de deslocamento, e que é possível, portanto, viajar sem sair do lugar (“os nômades são pessoas que não viajam”); e, em quarto e último lugar, afirma também que a verdadeira viagem é feita para constatar algo, para verificar o que sonhamos (“verificamos se aquela cor que sonhamos está ali”).

Declaradas as razões da sua antipatia, entretanto, admite que possam existir viagens que mereçam seu respeito ou sua admiração. Entre as primeiras, coloca as dos exilados e dos imigrantes, posto que são, segundo Deleuze, obrigados a viajar. A figura do imigrante, aliás, aparece em outros momentos da obra de Deleuze, para diferenciá-la da figura do nômade. Nos *Diálogos com Claire Parnet*, por exemplo, ao definir as linhas de fuga ou de ruptura que conjugam os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, considera o migrante numa situação intermediária, de desterritorialização relativa (diferentemente da desterritorialização absoluta do nômade), na medida em que sua viagem é sempre compensada por reterritorializações “que lhes impõem voltas, desvios, equilíbrio e estabilização” (p. 159).

Dentre as viagens que despertam sua admiração, encontramos no *Abecedário*, entre outras, as realizadas por Stevenson e Lawrence. Trata-se de viagens

⁷⁷ Este texto foi apresentado e debatido em outubro de 2007 no âmbito do Ciclo Abecedário Deleuze, realizado pela Sociedade Psicanalítica Iracy Doyle – SPID, Rio de Janeiro.

literárias, mas nem por isso menos reais. Sobre Lawrence em particular (estamos inferindo que ele refere a Thomas Edward Lawrence), Deleuze nos fala em *Crítica e Clínica*:

Lawrence possui um deserto íntimo que o impele para os desertos da Arábia, entre os árabes, e que coincide em muitos pontos com as percepções e concepções destes, mas conserva a indomável diferença que as introduz numa Figura secreta inteiramente outra. Lawrence fala árabe, veste-se e vive como árabe, mesmo sob tortura grita em árabe, mas não imita os árabes, jamais abdica da sua diferença, que ele já sente como uma traição. (...) Essa diferença de Lawrence não se deve apenas ao fato de continuar sendo inglês, a serviço da Inglaterra, pois ele trai tanto a Inglaterra quanto a Arábia, num sonho-pesadelo de tudo trair ao mesmo tempo. Mas tampouco se trata da sua diferença pessoal, tanto que a empreitada de Lawrence é uma fria e projetada destruição do eu, levada até o fim. Cada mina que coloca, explode também dentro dele, ele próprio é a bomba que faz estourar. Trata-se de uma disposição subjetiva infinitamente secreta, que não se confunde com um caráter nacional ou pessoal e que o leva para longe do seu país, sob as ruínas do seu eu devastado (p. 132).

E continua:

Não há problema mais importante que o dessa disposição que arrasta Lawrence e o desata das ‘cadeias do ser’. Até um psicanalista hesitará em dizer que essa disposição subjetiva é o homossexualismo, ou, mais precisamente, o amor oculto do qual Lawrence faz a mola da sua ação, no esplêndido poema da dedicatória, ainda que o homossexualismo sem dúvida faça parte da disposição. Tampouco deve-se acreditar numa disposição para trair, ainda que a traição possa decorrer daí. Seria o caso, antes, de um profundo desejo, de uma tendência a projetar nas coisas, na realidade, no futuro e até no céu, uma imagem de si mesmo e dos outros suficientemente intensa para que ela viva sua própria vida: imagem sempre retomada, remendada, e que não pára de crescer ao longo do caminho até tornar-se fabulosa. É uma máquina de fabricar gigantes, o que Bergson chamava de uma função fabuladora (p. 133).

Puxando alguns fios desses belos parágrafos sobre a viagem de Lawrence (que o jornalista americano Lowell Thomas transformou em *Lawrence da Arábia*), podemos destacar alguns atributos da viagem que Deleuze está disposto a aceitar como “verdadeira ruptura”. De fato, podemos associar a viagem de Lawrence a um “deserto íntimo”, à conservação da sua “indomável diferença” (que não se confunde com um caráter nacional ou pessoal dessa diferença), à “disposição subjetiva” que arrasta Lawrence e o desata das “cadeias do ser”, à traição, ao desejo,

à tendência a projetar uma imagem de si mesmo e dos outros intensa o suficiente para tornar-se fabulosa, e assim por diante. Em cada um desses atributos, podemos detectar elementos de ruptura que fazem da viagem (de Lawrence) um devir árabe (“Lawrence fala árabe, veste-se e vive como árabe, mesmo sob tortura grita em árabe, mas não imita os árabes”). Deleuze também nos fala nesses parágrafos de uma “máquina de fabricar gigantes” e de uma “função fabuladora”. Acredito que vale a pena nos determos um pouco no estatuto dessa função (que Deleuze retoma de Bergson) para entender melhor quais as viagens que ele está valorizando.

A função fabuladora

Em *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, Henri Bergson define a função fabuladora como o ato que faz surgir as manifestações que não podem ser atribuídas diretamente à inteligência ou ao trabalho lógico do espírito. Em uma primeira instância, a função fabuladora seria o produto de uma necessidade instintiva de encontrar um meio de equilibrar ou contrabalançar a inteligência, nos momentos em que ela ameaça a coesão social (“A verdade é que a inteligência aconselhará, em primeiro lugar, o egoísmo”, p. 101). Trata-se, segundo Bergson, de uma virtualidade ou resíduo de instinto que subsiste em torno da inteligência, capaz de criar “imaginários” resistentes à representação do real, principalmente da representação, pela inteligência, da inevitabilidade da morte. Desse modo, a função fabuladora desempenha um papel social, mas também traz ao indivíduo, segundo o autor, um “acréscimo de força”, tanto psíquica quanto espiritual.

Em que consiste, então, esse “acréscimo de força”? De onde é que ele provém? Para Bergson, esse “acréscimo de força” provém do impulso vital. Posto que a inteligência tende permanentemente a se proteger do acaso e da finitude da vida, o impulso vital é o que lhe permite ir além de si mesma, operando como “uma garantia extramecânica de êxito” (p. 116). Em certo modo, o “acréscimo de força” pode ser traduzido como “acréscimo de confiança” ou como “vontade de sucesso”. O que faz com que o selvagem acredite que a sua flecha atingirá o alvo? Entre o início e o fim da ação mecânica, abre-se um intervalo de indeterminação que a inteligência não consegue preencher senão muito precariamente. Assim, vinculada ao impulso vital, e relevada da sua manifestação reativa, a “função fabuladora” vem tornar possível a experimentação, e é também colocada ao serviço da vida ou do elã vital que, para Bergson, como sabemos, se define pela exigência de criação (cf. *A Evolução Criadora*).

Relevada desse modo da sua manifestação reativa significa também relevada das representações fantasmáticas e imaginárias com as quais é confundida.

Imaginação, para Bergson, e também para Deleuze, tem um sentido negativo, posto que chamam-se de imaginativas “as representações concretas que não são nem percepções nem lembranças” (p. 161). Pelo contrário, a “função fabuladora” é uma faculdade bem definida do espírito, que consiste, por exemplo, na literatura, em criar personagens cuja história narramos a nós mesmos, e que assume uma “singular intensidade de vida”, em particular entre os romancistas e dramaturgos:

Há entre eles autores verdadeiramente obcecados por seus heróis; são levados por eles mais do que os conduzem; têm até dificuldade de se livrar deles quando terminam sua peça ou novela. Não são os autores necessariamente cuja obra tenha o mais alto valor; mas, melhor do que outros, eles nos fazem tocar com o dedo a existência, em pelo menos em alguns de nós, de certa faculdade especial de alucinação voluntária. Na verdade, encontramos-la em algum grau em todas as pessoas (p. 161).

Na obra *O Bergsonismo* Deleuze associa a “função fabuladora” à emoção⁷⁸; e em *A Literatura e a Vida* afirma que não há literatura sem fabulação ou “função fabuladora”. A viagem de Lawrence é, portanto, uma “verdadeira ruptura”, na medida em que ele consegue ativar essa função. Em *Sete Pilares da Sabedoria*, segundo Deleuze, a fabulação é levada ao extremo quando o narrador – o próprio Lawrence – inventa um outro de si que se torna real entre o início e o fim da viagem. A imagem que ele extrai de si mesmo, entretanto, não responde a uma realidade preexistente, mas projeta-se no deserto como “alucinação voluntária”, empregando novamente as palavras de Bergson, que se atualizam nos acontecimentos que marcam sua passagem pelo mundo árabe. Não se trata, portanto, de saber o que é verdade e o que é mentira no relato de Lawrence, mas de saber quais são as intensidades e os afetos que ele cria ao ativar essa “função fabuladora”.

Disposição subjetiva e intensidades

Voltando para o *Abecedário*, Deleuze fala no final da sua preferência pelas viagens imóveis, por aquelas que podem ser feitas sem sair do lugar. De algum modo essa preferência já se revelara na sua admiração pela viagem de Lawrence,

⁷⁸ Na verdade, associa mas também faz uma distinção: “É preciso assinalar que a arte, segundo Bergson, tem também duas fontes. Há uma arte fabuladora, coletiva ou individual (...) E há uma arte emotiva ou criadora. Talvez toda arte apresente esses dois aspectos, embora em proporção variável. Bergson não oculta que o aspecto fabulação lhe parece inferior em arte; a novela seria sobretudo fabulação, a música, pelo contrário, emoção e criação” (Cf. *El Bergsonismo*, p. 118).

na medida em que ele também faz sua própria viagem singular a partir dos *Sete Pilares da Sabedoria*. Ele afirma, por exemplo, que há dois livros que se insinuam dentro dessa obra: um, relativo às imagens projetadas no real e que têm vida própria; e o outro, relativo ao espírito que as contempla, entregue a suas próprias abstrações:

As idéias abstratas não são coisas mortas, são entidades que inspiram poderosos dinamismos espaciais e que se misturam intimamente no deserto com as imagens projetadas, coisas, corpos ou seres. Por isso os Sete Pilares são objeto de uma dupla leitura, de uma dupla teatralidade. Essa é a disposição especial de Lawrence, o dom de fazer viver apaixonadamente as entidades no deserto, ao lado das pessoas e das coisas, ao ritmo irregular do passo dos camelos (Cf. Crítica e Clínica, p. 135).

Finalmente, diz Deleuze: “Garanto que quando leio um livro que acho bonito, ou quando ouço uma música que acho bonita, tenho a sensação de passar por emoções que nenhuma viagem me permitiu conhecer”. Entretanto, mesmo que Deleuze tenha se referido a si mesmo e feito a ressalva de que não quer fazer dessa preferência uma questão de princípio, entendo que, com relação a escritores como Lawrence, Melville, Miller ou Stevenson, que ele mesmo aprecia, seja preciso reconhecer que são autores que constroem uma arte de viajar e, sobretudo, de fazer viajar, e que essas duas dimensões sejam de fato inseparáveis.

Contudo, podemos explorar ainda mais um pouco o estatuto da preferência pelas viagens imóveis. Acho que podemos fazê-lo desdobrando brevemente as idéias de “disposição subjetiva” e “intensidade”. A primeira já foi assinalada pelo próprio Deleuze à respeito da diferença pessoal em Lawrence (“Trata-se de uma *disposição subjetiva* infinitamente secreta, que não se confunde com um caráter nacional ou pessoal e que o leva para longe do seu país, sob as ruínas do seu eu devastado”). Acredito que, em última instância, essa “disposição subjetiva” nos remeta ao conceito de singularidades pré-individuais, ou, segundo Deleuze, ao campo de individuação em que cada coisa não é mais ela mesma, mas uma abertura “ao infinito dos predicados pelos quais ela passa, ao mesmo tempo em que perde seu centro, isto é, sua identidade como conceito e como eu” (cf. Gilles Deleuze citado por François Zourabichvili, *O Vocabulário de Deleuze*). No caso, os “infinitos dos predicados” podem ser traduzidos como as “infinitas das imagens” do deserto capazes de possuir, em Lawrence, uma vida própria.

Se a viagem é mais uma “disposição subjetiva” do que um deslocamento físico, ela é, por consequência, mais da ordem das intensidades do que da exten-

são. Essa díade já nos coloca na senda conceitual de *Mil Platôs*. Em *Devir-Intenso*, *Devir-Animal*, *Devir-Imperceptível*, Deleuze e Guattari definem como intensas as relações que afetam os corpos molecularmente, e que os arrastam em devires de todo tipo (devir-animal, devir-mulher, devir-criança, devir-oceano, devir-baleia, devir árabe, devir-deserto). O devir cria e habita uma zona de indiscernibilidade ou de vizinhança que revela a multiplicidade da vida e a potência da natureza, ou melhor, das alianças anti-natureza. Nesse sentido, a viagem entendida como devir não exige o movimento, mas a velocidade ou a lentidão com que os afetos desenvolvem a sua tarefa de construir as terras estrangeiras que compõem o mundo de Deleuze.

Referências

- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DELEUZE, Gilles. *El Bergsonismo*. Madrid: Cátedra, 1996.
- _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2002.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.